

UM RELATO DO FIM DOS TEMPOS

AN ACCOUNT OF THE END OF TIMES

Patrícia Chanely Silva Ricarte

 <https://orcid.org/0000-0003-0805-9261>

UFMG, residente pós-doutoral, Doutora em Literatura

RESUMO

Ensaio sobre a cegueira, romance de José Saramago, consiste em um relato escatológico sobre uma doença – no caso, uma misteriosa epidemia de cegueira branca – que opera um despojamento em vários níveis: material, moral e linguístico. Tal despojamento configura-se, a um só tempo, na catástrofe e na possibilidade de ressurgimento da humanidade arrasada pelo “mal branco”.

Palavras-chave: José Saramago; *Ensaio sobre a cegueira*; Narrativa escatológica.

ABSTRACT

Blindness, José Saramago's novel, consists of an eschatological narrative about a disease – in this case, a mysterious epidemic of white blindness – that operates a despoliation on several levels: material, moral and linguistic. Such despoliation is configured, at the same time, in the catastrophe and in the possibility of a resurgence of humanity devastated by the “white evil”.

Keywords: José Saramago; *Blindness*; Eschatological narrative.



SARAMAGO, José.
Ensaio sobre a cegueira.
São Paulo: Companhia
das Letras, 1995.

*Dentro de nós há uma coisa que não tem nome,
essa coisa é o que somos.*

(SARAMAGO, 1995, p. 262)

O ROMANCE *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*, PUBLICADO EM 1995 PELO escritor português José Saramago, agraciado com o Nobel de Literatura em 1998 pelo conjunto de sua obra, consiste, como o próprio narrador sugere, em um “relato do fim dos tempos”, ao narrar os acontecimentos em torno de uma epidemia de cegueira branca que acomete uma cidade e, supostamente, toda a humanidade, em poucos meses. As personagens centrais do livro são um grupo de sete pessoas formado por um médico oftalmologista e sua esposa, a única que não foi contagiada pela cegueira, e pacientes que estiveram no consultório desse médico no dia em que a doença surgira: o primeiro cego e sua esposa, além de uma jovem prostituta que tratava uma conjuntivite e usava óculos escuros, um ancião que se preparava para uma cirurgia de catarata no único olho que enxergava, e que trazia o outro olho coberto por uma venda preta, e um menino estrábico que, durante a quarentena imposta pelo governo, perdera-se da mãe. Por ser altamente contagiosa a doença, e de causa inexplicável, visto que o órgão da visão dos doentes não apresentava, ao ser examinado, qualquer lesão ou aparente anormalidade, o governo decretou que os cegos fossem todos levados para as instalações de um antigo manicômio desativado. Nesse local, a figura do médico de olhos, agora ironicamente cego por ter sido contaminado por um de seus pacientes, exerce, juntamente com sua mulher, que resolveu fingir que estava cega para poder acompanhar o marido durante a quarentena, um papel de cuidado e solidariedade em relação às pessoas que ele tratou naquele fatídico dia, e que foram enviadas para a mesma ala do manicômio em que ambos foram parar.

O modo como os doentes são tratados pelas autoridades governamentais denota certo autoritarismo e alguma destemperança que, provocada pelo medo, revela o desejo de genocídio por parte de tais autoridades:

A vontade dos soldados era apontar as armas e fuzilar deliberadamente, friamente, aqueles imbecis que se moviam diante dos seus olhos como caranguejos coxos, agitando as pinças trôpegas à procura da perna que lhes faltava. Sabiam o que no quartel tinha sido dito essa manhã pelo comandante do regimento, que o problema dos cegos só poderia ser resolvido pela liquidação física de todos eles, os havidos e os por haver, sem contemplações falsamente humanitárias, palavras suas, da mesma maneira que se corta um membro gangrenado para salvar a vida do corpo. (SARAMAGO, 1995, p. 105).

No manicômio, o medo domina os cegos e os soldados que guardam a portaria para que os doentes não fujam do local e venham a espalhar a cegueira na população que está do lado de fora. Pelo sentido cada vez mais dramático que a doença vai assumindo ao longo do enredo, o medo será apontado, a certa altura, como a verdadeira causa da cegueira: “O medo cega, disse a rapariga dos óculos escuros, São palavras certas, já éramos cegos no momento em que cegámos, o medo nos cegou, o medo nos fará continuar cegos” (SARAMAGO, 1995, p. 131). Uma tal constatação, colocada na boca das personagens, patenteia o aspecto alegórico da narrativa, que se configura como uma veemente reflexão em torno da barbárie que ameaça a sociedade contemporânea.

Por esse viés, a tirania e o aspecto fascista que contaminam a organização política do Estado também se refletem na esfera microcós mica do manicômio, em que cegos “malvados” impõem a extrema violência como forma de dominação dos demais internos, exercendo total controle sobre a comida que lhes é enviada pelas autoridades e fazendo com que os outros paguem pela comida com os pertences que trazem consigo na pouca bagagem que conseguiram carregar para a quarentena e, no caso das mulheres, também com relações sexuais – extremamente violentas, por sinal. As cenas da quarentena no manicômio, marcadas por assassinatos, violações sexuais, batalhas entre cegos e por um terrível incêndio, atingem o ápice do drama humano. Em termos alegóricos, os cegos que estão alojados nesse lugar horrendo, com péssimas condições sanitárias e de convívio, representam uma humanidade agonizante, desesperada, refém do terror e cada vez mais afastada dos valores que fundam a civilização, como a justiça, a dignidade e o respeito à individualidade.

A cegueira branca, cujas vítimas não veem nada além de uma luz excessivamente clara, como uma espécie de “mar de leite”, não importa se com olhos abertos ou fechados, evidencia, de modo alegórico, o próprio sentido do humano em uma sociedade capitalista

marcada pelo medo – a aversão ao outro – e pelo egoísmo. A estreiteza de visão dos seres humanos, em um estágio altamente avançado da civilização, seria, portanto, a causa última da hecatombe da humanidade, à medida que se esgarçam, de uma forma deveras atroz, os laços do tecido que a sustenta.

Nessa perspectiva, a cegueira expõe tanto a vulnerabilidade dos doentes, na sua extrema dependência em relação aos olhos dos outros – inclusive, para atender às necessidades mais básicas da existência – quanto certo despojamento ou perda da própria humanidade por parte dos cegos. Um dos aspectos desse despojamento é a gradativa animalização dos que estão internados no manicômio, cada vez mais reduzidos aos instintos do corpo, como os do sexo e os do estômago, e a luta física que, mesmo debilitados, eles são impelidos a travar contra os elementos que representam uma grave ameaça de morte naquele local. Ao serem obrigados a largar os bens que lhes pertenciam e irem imediatamente para a quarentena no manicômio, os cegos passam também pelo forçado desprendimento material – algo penoso para alguns – como é o caso do primeiro cego, que permanece ligado ao sentimento de propriedade em relação ao carro e ao apartamento que possuía.

Fato dos mais relevantes é que, nesse processo, despoja-se também o olhar da mulher do médico, a protagonista da obra, que, por ser a única personagem a permanecer saudável dos olhos, torna-se a âncora do foco narrativo do romance, constituído por uma narração predominantemente em terceira pessoa, com

“

As cenas da quarentena no manicômio, marcadas por assassinatos, violações sexuais, batalhas entre cegos e por um terrível incêndio, atingem o ápice do drama humano

onisciência multisseletiva, por parte de um narrador que parece falar de fora, mas que, algumas vezes, fala praticamente de dentro dos acontecimentos. A mulher do médico tem um olhar despido de julgamento moral diante dos cegos com os quais convive naquele ambiente, mesmo em relação àquele com quem tem maior intimidade, que é o seu marido. Ancorado na visão dessa personagem, o narrador de Saramago desnuda o olhar do leitor para a humanidade/animalidade daqueles que não podem mais ver o mundo por si mesmos. Nesse sentido, a obra humaniza e sensibiliza o olhar do leitor para a miséria da situação ocasionada pela tragédia da cegueira coletiva.

Entre as consequências mais drásticas da cegueira, encontram-se a perda da identidade e a impotência da linguagem para dizer uma realidade que, de tão medonha e estarrecedora, faltam palavras capazes de designá-la. Não há adjetivos para qualificar o horror. E a crise da linguagem implica a perda dos próprios sentimentos humanos, descobertos e compartilhados, ao longo da história da civilização, a partir dos termos verbais utilizados para denominá-los:

Ah, são dos que foram postos em quarentena, Sim, Foi duro, Seria dizer pouco, Horrível, O senhor é escritor, tem, como disse há pouco, obrigação de conhecer as palavras, portanto sabe que os adjectivos não nos servem de nada, se uma pessoa mata outra, por exemplo, seria melhor enunciá-lo assim, simplesmente, e confiar que o horror do acto, só por si, fosse tão chocante que nos dispensasse de dizer que foi horrível, Quer dizer que temos palavras a mais, Quero dizer que temos sentimentos a menos, Ou temo-los, mas deixamos de usar as palavras que os expressam, E portanto perdemo-los. (SARAMAGO, 1995, p. 277).

O escritor que aparece nessa passagem é mais uma das personagens cegas pela epidemia. Quanto à mulher do médico, que continua a ter olhos para ver o horror, resta-lhe ressentir-se da crise da linguagem, da morte da palavra, perante tudo isso. Assim como a realidade, que é inconcebível em termos verbais, os sujeitos humanos também são todos inominados, apenas identificados por substantivos comuns e por algum qualificativo que minimamente os distingue entre si: o médico, a mulher do médico, a rapariga de óculos escuros, o velho da venda preta, o rapaz estrábico, o primeiro cego, a mulher do primeiro cego. Todos os demais são designados simplesmente como “cegos”: “Quem está a falar, perguntou o médico, Um cego, respondeu a voz, só um cego, é o que temos aqui” (SARAMAGO, 1995, p. 131). A ausência de nomes próprios reforça o carácter da perda de identidade e da discriminação sofridas pelos sujeitos acometidos pela epidemia. Assim, além da animalização,



Eles encontram a cidade devastada, com grupos de pessoas cegas se arrastando pelas ruas em busca de comida em meio a lixo, excrementos e cadáveres

os indivíduos passam por um processo de reificação e de massificação, sobretudo em razão da forma como foram lançados nesse triste confinamento pelas autoridades governamentais.

A cegueira arrasa os sujeitos e arruína o mundo. Após uma guerra brutal com os cegos “malvados” e um incêndio provocado por uma das mulheres em desespero, o grupo dos sete protagonistas descobre, através da mulher do médico, que os soldados já não estão mais vigiando o manicômio, provavelmente porque já estão todos eles cegos também, e consegue sair para a rua. Eles encontram a cidade devastada, com grupos de pessoas cegas se arrastando pelas ruas em busca de comida em meio a lixo, excrementos e cadáveres. A narrativa escatológica do *Ensaio sobre a cegueira*, esse discurso do fim dos tempos – e também, nesse caso, um tratado sobre os restos –, é também o epitáfio do capitalismo, tão bem representado pela figura do banqueiro que teria morrido, logo após cegar, dentro do elevador do prédio-sede de sua instituição financeira.

Todavia, nesse livro de Saramago, o cataclismo provocado pela epidemia de cegueira branca faz tombar a civilização para que ela se reerga de seus próprios escombros. Isso é possível graças à visão da heroína, a mulher do médico, o fio que liga esse mundo da cegueira e de todas as misérias aos valores do que se chama a humanidade, como a compaixão e o compromisso para com o outro. Em sua inabalável integridade, ela chama para si “A responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam” (SARAMAGO, 1995, p. 241). Aos cegos, a cegueira esbulha, debilita

e embrutece. Mas essa mulher, mesmo não sendo contagiada pela doença, é a companheira abnegada do marido e daquele grupo de cegos. Ela desce com eles aos infernos da doença e da loucura, e se faz cega para muito daquilo que seria odioso no gênero humano – menos para a tirania e para a violência – a fim de permanecer ao nível de seus companheiros, que não podem enxergar.

São recorrentes na narrativa as imagens de despojamento: a miséria material a que os cegos são legados, a troca de roupa do grupo na casa do médico, o banho na chuva das três mulheres nuas durante a madrugada, o enterro dos cegos mortos no manicômio em cova rasa, o cadáver da velha do primeiro andar estirado na porta de casa, os cegos que perambulam pelas ruas em busca de comida, deslocados de suas residências como nômades, bem como a própria solidão e a morte de algumas personagens. O olhar da mulher do médico, que é o olhar do narrador e que é também o nosso, é que vai enxergar essa realidade na qual todos os humanos, cegos, estão reduzidos à mesma condição, independentemente do sexo, da idade ou do nível social. É exatamente neste ponto zero, de total despojamento material e moral – e, inclusive, verbal –, que a humanidade poderá, quem sabe, ressurgir de si mesma.

REFERÊNCIA

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.



Texto de autora convidada. Recebido em: 9 nov. 2020.

RICARTE, Patrícia Chanely Silva. Um relato do fim dos tempos. Resenha de Ensaio sobre a Cegueira, de José Saramago. *Estudos Universitários: revista de cultura*, Recife, v. 37, n. 1/2, p. 226-232, dez. 2020. ISSN Edição Digital: 2675-7354.